

SOBRE PROBLEMAS DE IDENTIDADE E EMOÇÕES
NO ESPORTE E NO LAZER: COMENTÁRIOS CRÍTICOS
E CONTRA-CRÍTICOS SOBRE AS SOCIOLOGIAS
CONVENCIONAL E CONFIGURACIONAL
DE ESPORTE E LAZER*

*On problems of identity and the emotions in sport and
leisure: critical and counter-critical comments on the
conventional and figurational sociologies of
sport and leisure*

Eric Dunning**

RESUMO

O presente artigo trata da análise sociológica que as emoções despertam no esporte e no lazer e em suas instituições. Desenvolve uma análise teórica a partir da abordagem eliseana de configuração, em especial a teoria de “processos civilizatórios”.

Palavras-chave: Sociologia do esporte e do lazer, Norbert Elias, processo civilizador.

ABSTRACT

This article deals with the sociological analysis of the emotions arisen in sport and leisure and their institutions. It develops a theoretical analysis from the elisean configuration point of view, especially with regard to the “civilizing processes”.

Key-words: Sociology of sports and leisure, Norbert Elias, civilizing process.

* Agradecemos a consultoria e intervenção do Dr. Ademir Genabra, junto a Eric Dunning, no sentido da cessão do artigo. Tradução de Ana Maria Rufino Gillies. Revisão Técnica (UNIMP - Piracicaba) Dr. Ademir Gebara.

** Universidade de Leicester.

O assunto deste ensaio é as emoções que são despertadas em esporte e lazer e seu significado para uma compreensão sociológica completa do comportamento no esporte e no lazer e em suas instituições. O artigo trata mais de esporte do que lazer, em geral, e é principalmente conceitual e teórico em seu foco. Desenvolve o argumento de que uma abordagem configuracional (ou “processo-sociológica”), principalmente a teoria de processos civilizatórios de Elias (1939, 1944a), enquanto, de nenhuma forma, representa uma panacéia para todos os problemas da sociologia atual. Representa, outrossim, um meio de esquivar-se de e, esperamos, superar alguns dos dilemas sobre as dificuldades que os estudiosos do nosso assunto recorrentemente têm que enfrentar. Iniciarei dando alguns exemplos.

O primeiro deles relaciona-se ao turismo, mais especificamente a *The Tourist Gaze: Leisure and Travel in Contemporary Societies*, de John Urry (1990). Em minha opinião, este é um livro que representa um acréscimo ao conhecimento. Entretanto, ele apresenta, eu penso, uma falha conceitual em alguns aspectos, particularmente por repetir alguns conceitos e suposições discutivelmente limitantes que permanecem difundidos na sociologia convencional e na convencional sociologia do lazer. Conseqüentemente, embora eu não vá estar voltando a isto extensivamente uma vez que o objeto deste ensaio não é fornecer uma crítica profunda de Urry, pode servir para ilustrar o que eu acredito que sejam estes conceitos e crenças limitantes.

Ao fornecer uma lista do que ele considera importante para uma compreensão sociológica do comportamento turista, Urry escreve:

Para compreender a inconstante sociologia do olhar do turista o seguinte é relevante: o matiz social de diferentes lugares; a globalização e universalização do olhar do turista; os processos de consumismo de serviços turísticos; os significados e signos turísticos; modernismo e pós-modernismo; a história, a herança e o vernáculo; e pós-turismo e divertimento. Diferentes olhares e portanto diferentes práticas turísticas são organizadas em termos de uma variedade de discursos. Estes incluem: educação, como no Grand Tour; ilustração, como em muitas “viagens” individuais e turismo cultural; saúde, como em turismo planejado para “restaurar” o funcionamento saudável de um indivíduo; solidariedade de grupo, como em muitas práticas turísticas japonesas; e divertimento, como no caso do pós-turista (URRY, 1990a, p. 135).

Diferentemente de Urry, eu tomaria cuidado para não me envolver no confuso debate sobre se nós vivemos em um mundo pós-moderno e pós-turista. Invertendo um conceito de Giddens (1985, p. 31-34), tal idéia parece-me “descontinuista” demais e não consegue – como Giddens ao abraçar uma visão “descontinuista” –, capturar adequadamente o balanço entre continuidade e mudança nos processos que contribuíram para o desenvolvimento do mundo atual. Além disso, devido ao fato de que atualmente parece estar ocorrendo uma mudança global acelerada, com certeza uma das implicações destes conceitos que são orientados basicamente pelo estilo e sentido(s) no tempo em vez de orientados pela estrutura e processo social, é que provavelmente nós logo teremos que falar de “pós-pós modernismo”, “pós-pós-pós modernismo” e assim por diante *ad infinitum*?

Este argumento não tem a intenção de negar totalmente o valor das teorias pós modernistas ou os debates engendrados sobre suas várias formas. É uma crítica à terminologia e às contribuições filosóficas sem firme sustentação de pesquisa teórica. De fato, embora como sociólogo configuracional eu tenha dúvidas sobre a adequabilidade da dicotomia base-estrutura e o determinismo econômico que isto envolve (DUNNING, 1992), eu acho a sugestão estrutural de Jameson de que o pós-modernismo constitui a “superestrutura” do estágio multinacional do capitalismo (JAMESON, 1991, p. 35) um forte argumento que merece maior investigação¹. Mas deixe-me voltar a Urry.

Conforme deverei sugerir com maiores detalhes mais adiante, além de termos como pós-modernismo, eu evitaria a tendência racionalista e concretista, que eu tomo como inerente na ênfase que Urry faz sobre conceitos como “olhar” e “discurso”, e sua separação do olhar do turista das práticas turísticas. Também ajudaria, eu acho, a concretizar a análise, seguir Elias (1939; 1994a, p. 166-167), e traçar os caminhos pelos quais, no [per]curso dos processos civilizatórios ocidentais, o olho cresceu, embora de nenhuma forma simples, unilinear, cada vez mais importante como um órgão de prazer, e mostrar como isto impactou o comportamento do turista e os padrões de demanda e fornecimento relacionados ao turismo

1 Para um ensaio de revisão clara e criteriosa que conclui que, apesar de todo o jargão confuso e outros excessos de pós-modernistas, os sociólogos pós-modernistas e convencionais podem aprender uns com os outros, ver Ali Rattansi, *Forget Post-Modernism? Notes from De Bunker. Sociology*, v. 29, n. 2, May 1995, p. 339-349. Eu continuo esperando para ser totalmente persuadido, parcialmente porque isto ainda supõe que é relevante usar o termo ‘pós-moderno’ como uma categoria sociológica geral.

Apesar de tais críticas, Urry forneceu uma lista impressionante. Entretanto, é incompleta, faltando referência a uma das mais importantes pré-condições para o crescimento na frequência de turismo e outras formas de lazer no mundo contemporâneo, principalmente a relativa – e, apresso-me a enfatizar, *relativa* – paz mundial que prevaleceu desde 1945.² As viagens mundiais em massa de hoje em dia, que são geralmente comparativamente pacíficas em intenção e resultado, e as viagens em massa principalmente de homens jovens ao redor do mundo entre 1939 e 1945, os quais eram excessivamente violentos e destrutivos, fornecem um contraste instrutivo. Mesmo a violência dos *hooligans* no futebol atual – os quais, como os soldados na Segunda Guerra Mundial, também viajam pela Europa principalmente em grupos compostos só por homens e com intenções de violência, mas mais como uma questão de escolha – ficam insignificantes em comparação. Isto sugere que escritores como Urry acreditam na paz relativa como coisa segura, o que pode ser uma das razões pelas quais eles subestimam a relevância da teoria de processos civilizatórios de Elias para contribuir à compreensão sociológica de turismo e lazer (Elias, 1939, 1994a). Isto me traz ao meu segundo exemplo. Ele refere-se a futebol e eu o usarei a fim de introduzir algumas lembranças sobre como, nos anos de 1960, Elias e eu iniciamos algum trabalho preliminar relacionado à importância das emoções no esporte e no lazer. Isto servirá como uma forma útil de entrar na substância sociológica do que eu quero dizer.

Descrevendo a partida entre Portugal e Coréia do Norte nas finais da Copa do Mundo de 1966, o jornalista de esportes, Brian Glanville, escreveu:

...o começo de Portugal contra a Coréia do Norte foi sensacional; um gol em um minuto seguido por um segundo e um terceiro; e todos da Coréia do Norte. A entrada deles foi extraordinária, uma explosão de futebol deslumbrante, agressivo, Pak Seung Jin goleando após um lance penetrante pela direita.

2 Embora não tenha havido nenhuma Guerra Mundial desde 1945, mais de cem guerras têm ocorrido nos últimos cinquenta anos. Entre elas, devem ter causado, numa estimativa bruta, mais de quatro milhões de vítimas. A maioria delas deve ter ocorrido nos países do Terceiro Mundo. No que se refere a países do Primeiro e Segundo Mundo que estiveram diretamente envolvidos nas guerras, eles lutaram, sozinhos ou coletivamente, contra países do Terceiro Mundo nos conflitos da Coréia, Vietnã, Afeganistão e Golfo. Os territórios e populações civis de países do Primeiro e Segundo Mundo não foram envolvidos. No que se refere a países do Segundo Mundo, exceções parciais foram feitas, é claro, desde o fim da Guerra Fria entre os russos contra os chechenos e as guerras civis na antiga Iugoslávia.

Portugal teve uns vinte minutos para fazer o gol, mas não conseguiu, Li Dong-Woon fazendo um segundo, Yang Sung Kook, o ponta-esquerda um terceiro. O time português, conquistadores do Brasil, parece agora muito *bouleversés*. Seria preciso genialidade para reanimá-los; e Eusébio a teve, correndo, chutando e lutando com indomável talento, longas pernas driblando os pequenos jogadores da defesa coreana.

Depois de vinte oito minutos Simões passou-o para seu primeiro gol. Três minutos do segundo tempo um coreano derrubou Torres como se fosse um gigante de floresta. Eusebio cobrou a falta, e então rapidamente pegou a bola e correu de volta ao centro, sendo interceptado e reprimido por um coreano estranhamente ultrajado.

Eusebio, de qualquer forma, ganharia a briga. Quinze minutos do segundo tempo, ele correu novamente para empatar e então, depois de mais uma de suas hilariantes corridas de ponta esquerda, na qual driblou com facilidade elétrica, ele foi atingido (levou uma canelada) e marcou mais uma falta. Num chute de escanteio Augusto fez o quinto, e os coreanos, generosos e habilidosos demais para ficar acomodados à liderança deles, estavam fora... (GLANVILLE, 1980, p. 150).

Glanville captura aqui um pouco da excitação gerada por este jogo. Elias e eu o assistimos juntos, pela televisão, assim como assistimos a maioria das partidas nas finais da Copa do Mundo de 1966 que foram televisionadas. Nós já vínhamos trabalhando nos estudos sobre futebol há cerca de sete anos, mas a Copa do Mundo de 1966 foi um dos eventos que ajudaram a cristalizar nosso foco na importância da emoção no lazer. Um dos momentos definidores ocorreu quando a Alemanha Ocidental derrotou a Rússia (2 a 1) nas semi finais. Elias ficou tão agitado por causa disto que chegou a advertir: “Os alemães vão dizer que isto aconteceu em vingança pela derrota deles em Estalingrado.” Naquele tempo ele estava apenas nos estágios iniciais de uma reconciliação parcial com sua terra natal da qual ele tinha fugido em 1933 e onde sua mãe tinha sido assassinada nas câmaras de gás de Auschwitz. Elias ficou ainda mais agitado durante a final do jogo Inglaterra e Alemanha quando, por volta do final do tempo regular, a Alemanha Ocidental empatou. Tão agitado, de fato, que não conseguiu assistir à prorrogação. Ele tinha desejado, primeiro que a Rússia e então a Inglaterra ganhasse ou, talvez mais precisamente, ele tivesse desejado que a Alemanha perdesse. Mais importante para o propósito atual, entretanto,

nossas reflexões mútuas posteriores sobre a agitação de Elias e meu júbilo com o único triunfo da Inglaterra na Copa do Mundo, é o fato de que ambos achamos jogos como Portugal versus Coréia do Norte altamente excitantes, embora não tivéssemos particularmente nos identificado com qualquer um dos lados, forneceu um dos estímulos iniciais para nosso trabalho sobre a importância social e psicológica da emoção no lazer. Como sugeri mais tarde, em nosso trabalho conjunto, Elias e eu tendíamos a minimizar a importância de Identidades e identificações no que se refere ao despertar de emoções em esporte. Há, eu penso, três razões possíveis para isto. A primeira refere-se ao fato de que, apesar de nossa falta de identificação com qualquer um dos lados, nós achávamos partidas como Portugal x Coréia divertidas e excitantes. A segunda está relacionada com as dolorosas experiências de nacionalismo de Elias e sua ambivalência a este respeito, especialmente com relação à Alemanha. A terceira é o fato de que identidades pessoais e coletivas são mais importantes em esporte que em muitas outras formas de lazer, e nós estávamos tentando estabelecer os fundamentos para uma teoria geral do lazer.

Deixe-me voltar a Urry a fim de aproximar-me mais do meu tema central. A definição básica de turismo fornecida em *The tourist gaze* é a seguinte:

Turismo é uma atividade de lazer que pressupõe seu oposto, qual seja o trabalho regulado e organizado. É uma manifestação de como trabalho e lazer estão organizados como esferas separadas e reguladas da prática social nas sociedades “modernas”. De fato agir como turista é uma das características definidoras de ser “moderno” e está relacionada com grandes transformações no trabalho pago. Este veio a ser organizado dentro de lugares particulares e a ocorrer por períodos regularizados de tempo. (URRY, 1990a, p. 2-3)

Simplesmente ter reconhecido que turismo é um fenômeno social importante e tem sido negligenciado pelos sociólogos das correntes principais representa uma façanha. O mesmo se dá com relação à ênfase de Urry na relação entre turismo e *status* (URRY, 1990a, p.4). Todavia, sua análise permanece controvertidamente viciada por suposições específicas que continuam dominantes nas principais correntes sociológicas e tem afetado negativamente a sociologia do lazer. Deixe-me escolher duas que parecem particularmente importantes e sugerir porque elas têm um efeito negativo.

Em primeiro lugar, ao falar do “olhar do turista”, Urry está modelando sua análise explicitamente àquela de Foucault em *O nascimento da clínica*

(FOUCAULT, 1976). Apesar do fato de que ele brevemente refere-se a ambos prazer e “trabalho emocional” em *The tourist gaze* (URRY, 1990a, p. 3, 70, 90), e nalgum outro lugar claramente criticou Giddens por ter “um conceito da atividade humana (que) é rotinizado demais, entendente demais” (URRY, 1990b), isto significa que é provável que Urry reproduza a ambivalência racionalística que, se estou certo, tende a caracterizar muito especialmente os trabalhos mais recentes do filósofo, Foucault, e, mais genericamente, dos assim chamados pensadores “pós-estruturalistas”. Isto é, é provável que ele minimize a importância do fato de que experiências turísticas são assuntos de “todo o corpo”, atividades nas quais as pessoas se envolvem, por assim dizer, de “corpo e alma”, e nas quais, embora o equilíbrio entre elas tenda a variar *inter alia* de acordo com a trajetória dos processos civilizatórios de suas sociedades e do estágio no qual elas estão,³ sensações físicas e emoções não são menos importantes que experiências cognitivas, intelectuais. Em uma palavra, o trabalho de Urry sobre turismo parece trair traços do dualismo “mente-corpo” que tende a ser típico de idéias Kantianas e neo-Kantianas. Nisto, ele reflete o que Elias chamou de pensamento *homo clausus* em oposição ao pensamento *homines aperti* o qual é, de acordo com Elias (1978a), mais congruente com a realidade e conseqüentemente mais adequado sociologicamente.

O segundo elemento problemático na conceitualização de Urry é mais importante. Relaciona-se à sua distinção dicotomizante entre turismo e lazer e trabalho organizado. Como Moorhouse (1989) apontou, a reprodução da dicotomia tomada como coisa certa entre trabalho e lazer tem sido por algum tempo, um, se não o maior defeito da produção britânica empiricista-funcionalista, Marxista e de algumas obras feministas na sociologia do lazer.⁴ Sugerindo que “a ortodoxia real dos estudos sobre lazer é uma confusão conceitual e teórica aliada à indisposição de sair de seu próprio isolamento”, Moorhouse nota como Rojek (1985) ofereceu quatro regras para a sociologia do lazer⁵ e acrescentou duas dele mesmo. Para ele, sub-disciplinas devem, primeiramente,

3 Embora Elias tivesse denominado seu livro *O processo civilizatório*, desde o começo tinha sido sua intenção lançar luz sobre as diferentes trajetórias civilizatórias das sociedades europeias, especialmente França, Alemanha e Grã-Bretanha. Ver Dunning e Mennell (inédito).

4 Moorhouse tem em mente aqui, Stanley Parker, *The sociology of leisure*, Allen e Unwin, London, 1976; John Clarke e Chas Critcher, *The devil makes work: leisure in capitalist Britain*, Macmillan, London, 1985; e Rosemary Deem, *All Work and No Play*, Open University Press, Milton Keynes, 1986.

5 Estas regras são: 1. “A atividade de lazer é um fenômeno adulto o qual é definido em oposição ao mundo de brincadeiras de crianças”; 2. “A prática do lazer é uma realização de atores habilitados e instruídos”; 3. “A estrutura e desenvolvimento das relações de lazer é um efeito de regras legitimantes de prazer e desprazer”; e 4. “As relações de lazer devem ser sociologicamente examinadas como processos dinâmicos, de finais relativamente imprevisíveis”. Ver Chris Rojek, *Capitalism and leisure theory*, Tavistock, London, 1985, p. 180-181.

“abandonar categorias que consideram comum a dicotomia entre ‘trabalho’ e ‘lazer’” e, em segundo lugar, “que as análises sociais devem começar a ter um interesse sério em diversão e lazer” (MOORHOUSE, 1989, p. 27-31). Isto é similar ao que Elias e eu discutimos nos anos sessenta.⁶ De fato, enquanto da crítica de Moorhouse da sociologia convencional de lazer pode-se dizer que repousa largamente em uma compreensão matizada do caráter complexo e diferenciado de trabalho em sociedades “industriais avançadas” ou “modernas”, a minha crítica e de Elias envolve uma tentativa de apontar o caráter igualmente matizado, complexo e diferenciado de lazer em tais sociedades. Assim, enquanto Moorhouse argumenta que a sociologia do lazer precisa prestar maior atenção “aos ritmos e experiências reais da vida na fábrica ou no escritório” (MOORHOUSE, 1989, p. 24), nós defendemos que ela deveria prestar mais atenção à complexidade do “real”, ou melhor, aos ritmos de vida experienciáveis e empiricamente observáveis, em vários contextos de lazer. Também defendemos a idéia de que era preciso prestar mais atenção ao prazer e ao divertimento, uma vez que eles são aspectos cruciais da vida humana, embora, particularmente em culturas com uma herança puritana e, de acordo com as concepções dominantes, não sejam considerados problemas importantes para as ciências sociais e outras ciências humanas.

Apesar das formas manifestas nas quais classe, gênero e desigualdade de “racial”/étnica, e exploração do Estado e comercial atuam no campo do lazer, também é discutível o caso de que um entendimento básico das formas nas quais várias instituições de lazer são estruturadas com vistas à provisão de satisfações de vários tipos é um requisito primário para o conhecimento avançado da atuação destas formas de desigualdade e exploração. É por ser preciso ter um entendimento do que há com elas, que elas freqüentemente tornam-se veículos primordiais para a exploração de outros.

A satisfação sentida como resultado de atividades de lazer e instituições foram o assunto principal abordado nos ensaios *The Quest for Excitement in Leisure* (1969) e *Leisure in the Sparetime Spectrum* (1972). Deixe-me resumir-

6 Veja nosso *Quest for excitement: sport and leisure in the civilizing process*, Blackwell, Oxford, 1986. O ensaio chave neste volume, *The quest for excitement in leisure*, primeiro apareceu em *society and leisure*, n. 2, Dezembro 1969. Foi apresentada sob o título *The quest for excitement in unexciting societies* na Conferência Anual de 1967 da Associação Sociológica Britânica em Londres, e publicada sob aquele título em 1970 em Günther Lüschen (Ed.), *The cross-cultural analysis of sport and games*, Sipes, Champaign, III. O segundo ensaio chave em *Quest for excitement, Leisure in the sparetime spectrum*, foi dado na Conferência Anual do Comitê Internacional para a Sociologia do Esporte em Magglingen, Switzerland, em Julho 1969. Um extrato dele foi publicado em Rolf Albonico e Katarina Pfister-Binz (eds), *Sociology of sport: theoretical foundations and research methods*, Basle, 1972.

los. Ao fazê-lo, eu oferecerei minha própria interpretação sobre o que nós escrevemos e, no final, farei alguns comentários críticos.

Nosso argumento inicial foi a sugestão de que os sociólogos das principais correntes tenderam a negligenciar lazer e esporte porque poucos deles desligaram-se suficientemente dos padrões, categorias, e valores dominantes de pensamento das sociedades ocidentais, para serem capazes de entender completamente o significado social de lazer e esporte e, conseqüentemente os problemas sociológicos que eles apresentam. Mais particularmente, lazer e esporte parecem ter sido negligenciados como objetos de reflexão e pesquisa sociológica – ver, por exemplo, a ausência ou baixo status deles como tópicos cobertos pelos livros e teorias das principais correntes – porque eles são acusados de tender para o lado negativamente valorizado de um conjunto de dicotomias convencionalmente percebidas e sobrepostas, tais como aquelas entre trabalho e lazer, corpo e mente, seriedade e prazer, fenômeno econômico e não econômico, o “racional” e o “irracional”, “vida real” e “fantasia”, e o “útil” e o “inútil”. Isto é, em termos da difundida tendência ocidental relacionada à forma de pensar reducionista e dualística, *homo clausus*, o esporte tende a ser percebido como uma esfera trivial, irracional, da vida, voltada para o prazer que envolve “o corpo” em vez de “a mente” e de pouca ou nenhuma utilidade e valor econômico “prático”, enquanto que as atividades de lazer tais como visitar museus e galerias de arte tendem a ser vistas como algo que envolve a outra metade do dualismo, isto é, “a mente”. Alternativamente, esporte e lazer são reduzidos a termos econômicos e assim desvalorizados como atividades com sua própria significância e significado. Como resultado, não são considerados problemas sociológicos tão importantes quanto aqueles associados aos negócios “necessários” e “sérios” da vida econômica e política. Estas tendências *homo clausus* são tão difundidas, na verdade, que, mesmo quando sociólogos como Urry e aqueles mencionados por Moorhouse entendem a crescente importância de lazer e esporte no mundo moderno, eles tendem a prejudicar suas análises reproduzindo os dualismos convencionais, conseqüentemente desvalorizando, mesmo sem intenção, o lado lazer da equação.

Com o que se pareceria uma teoria do lazer não-dualística? Se Elias e eu estávamos certos, ela focaria em primeira instância as atividades de lazer *per se* e tentaria sintetizar elementos de biologia, psicologia, sociologia e história. Também focaria igualmente nos processos afetivo/emocional e cognitivo/racional das pessoas, procurando entender suas atividades de lazer no contexto das “configurações” diacronicamente em mudança e fluídas, isto é, as cadeias e redes de interdependência espaço-temporais que elas formam e nas quais um

instável equilíbrio de poder e um correspondente trabalho de rede de tensões sempre formam uma parte crucial (ELIAS, 1978a, p. 128). Deixe-me ser mais concreto.

Embora tais termos tendam a ser usados tanto na linguagem popular quanto na sociologia do lazer, nossa primeira sugestão foi que precisa ser feita uma distinção entre tempo livre e a categoria toda, e lazer, o qual deveria ser tratado como mais específico. Em uma palavra, com a óbvia exceção de pessoas empregadas nas indústrias de esporte e lazer, enquanto todas as atividades de lazer desenvolvem-se no tempo livre, nem todo o tempo livre é ocupado com lazer. Atividades de tempo livre que não são de lazer e atividades de lazer tendem a diferir em termos de interação entre duas dimensões, as quais são contínuas e não dicotômicas: contínuas em termos de escolha e de rotinização. Assim sendo, algumas atividades não profissionais e, neste sentido, “de tempo livre” tais como cuidar da casa e atender às necessidades físicas – as quais, em sociedades patriarcais, tem sido primitivamente uma esfera à qual as fêmeas são confinadas⁷ – tendem a envolver um alto grau de compulsão, a serem altamente rotinizadas e a serem desenvolvidas com um alto grau de controle emocional. Atividades de lazer, ao contrário, tendem a envolver um elemento de escolha mais forte, junto com algo que nós chamamos de, ao menos no que se refere a sociedades relativamente “civilizadas”, “o descontrole controlado dos controles emocionais”. Nós também sugerimos que o trabalho como profissão pode envolver elementos parecidos com lazer, e que seria possível construir um “espectro de trabalho” que sobreponha e se encaixe com o “espectro do tempo livre” (ELIAS ; DUNNING, 1986, p. 292-293) mas eu não vou considerar isto neste contexto. Em vez disto, eu quero focar no que parece ser as propriedades e categorias básicas de lazer. Estas são estabelecidas, com exemplos ilustrativos, no que nós chamamos de “Espectro do Tempo Livre” (Ver Figura 1).

Ao não conter referências, por exemplo, a vídeos, jogos de computador, tecnologia da realidade virtual ou explorar o *cyberspace* via internet, o “espectro do tempo livre” revela o fato de ter sido construído nos anos sessenta. Mais importante, a conceitualização de todas as atividades fora da esfera de trabalho profissional como sendo um “espectro” teve o objetivo de passar a idéia de que, como as cores no espectro de cor, as atividades de tempo livre e lazer fazem sombra umas às outras e fundem-se. Assim, comer e beber são coisas que podem ser feitas como rotinas de tempo livre, e o sexo

7 Para discussões criteriosas deste assunto e assuntos a ele relacionados, ver Helen Lenskyj, (1988) e Jennifer Hargreaves (1994).

Figura 1- O espectro do tempo livre

| | |
|-----|--|
| (1) | Rotinas de Tempo Livre |
| | (a) Atendimento rotineizado das próprias necessidades biológicas e cuidadas com o próprio corpo , por ex. comer, beber, descansar, dormir, fazer amor, exercitar-se, viver-se, tomar banho, lidar com ferimentos e doença. |
| | (b) Rotinas caseiras e familiares , por ex. manter a própria casa em ordem, rotinas de levantar-se, lavar a própria roupa, comprar comidas e roupas, fazer preparos para uma festa, lidar com impostos, administração da casa e outras formas de trabalho privado para si próprio e para a própria família; suportar estresses e tensões familiares, alimentar, educar e cuidar de filhos; cuidar do animais de estimação. |
| (2) | Atividades de tempo livre intermediária principalmente atender necessidades recorrentes de orientação e/ou auto-satisfação e auto-desenvolvimento. |
| | (a) Trabalho privado (i.e. não profissional) principalmente para outros , por ex. participar de assuntos locais, eleições, igrejas e atividades de caridade. |
| | (b) Trabalho privado (i.e. não-profissional) principalmente para si próprio de natureza relativamente séria e frequentemente impossível , por ex. estudar com vistas a um desenvolvimento profissional, hobbies técnicos sem valor profissional óbvio, mas que requerem perseverança, estudo especializado e habilidades, tais como montar rádios ou astrocontos amadora. |
| | (c) Trabalho privado (i.e. não-profissional) principalmente para si própria, de um tipo mais leve, menos exigente , como hobbies tais como fotografia amadora, trabalhos em madeira e coleção de selos. |
| | (d) Atividades religiosas |
| | (e) Atividades de orientação de caráter mais voluntária, menos controlado socialmente e frequentemente casual , talo de formas de absorção de conhecimentos mais sérios, menos divertidas para menos sérios, mais divertidas, com muitos matizes intermediários, tais como ler jornais e periódicos, ouvir conversas políticas, frequentar palestras para educação de adultos, assistir programas informativos na televisão. |
| (3) | Atividades de Lazer |
| | (a) Atividades paramente ou principalmente sociais |
| | (i) participar como convidado de sessões mais formais tais como casamentos, festas em banquetes, ser convidado para jantar na casa de um superior; |
| | (ii) participar de um 'gemeinschaften de lazer' relativamente informal com um nível de emocionalidade cordial e aberto consideravelmente acima daqueles de outras atividades de tempo livre ou de trabalho; como encontros e festas em bares, reuniões de família, comunidades de clubes. |
| | (b) Atividades de jogos ou 'miméticas' |
| | (i) participar de atividades miméticas (relativamente) muito organizadas como membro de uma organização, como em teatro amador, clube de cricket, clube de futebol. Em tais casos, chega-se ao núcleo das atividades e experiências de des-rotinização e des-comrole através de uma camada de rotinas e controles quantificados voluntariamente aceitos. A maioria das atividades miméticas nesta categoria envolve um grau de des-rotinização e de liberação das amarras através de movimentos do corpo e membros, isto é, através da motilidade; |
| | (ii) participar como espectador em atividades miméticas altamente organizadas sem fazer parte da organização, com pouca ou nenhuma participação nas suas rotinas e, portanto, com relativamente pouca des-rotinização através de motilidade, por exemplo, assistindo futebol ou indo a uma peça. |
| | (iii) participar como ator de uma atividade mimética não tão organizada, como dançar e escalar montanhas. |
| | (c) Várias atividades de lazer menos altamente especializadas, de caráter amplamente des-rotinizador e frequentemente multi-funcional , como viajar em férias, comer fora para variar, relações de amor des-rotinizantes, 'ficar na cama' numa manhã de domingo, cuidados não sistemáticos com o corpo (tais como tomar banho-de-sol, caminhar). |

Fonte: ELIAS; DUNNING. *Quest for excitement: sport and leisure in the civilizing process*. Oxford: Blackwell, 1986, p. 96-98.

pode tornar-se rotinizado, mas todas as três atividades são recorrentemente fundidas em atividades de lazer, de maneiras cruciais. O conceito do “espectro de tempo livre” também sugere que parece haver três elementos básicos de lazer: sociabilidade, motilidade e imaginação. É claro que, em algumas atividades em particular dois e algumas vezes três deles são fundidos. A estes elementos parecem corresponder duas classes principais de eventos de lazer: atividades sociáveis e “miméticas” ou atividades de “divertimento”. Mais uma vez, em algumas atividades em particular estas categorias podem ser fundidas e há também uma categoria variada. Deixe-me expandir nisto:

Não é uma descoberta profunda sugerir que socialidade é um elemento básico na maioria das atividades de lazer que não sejam aquelas altamente individualizadas e privatizadas. Isto é, um fator chave no prazer é o agradável prazer emocional que sente-se por estar na companhia de outros sem quaisquer obrigações que não sejam aquelas que se aceita, em grande parte, voluntariamente. Entretanto, em algumas atividades de lazer tais como festas, ir a bares e visitar amigos, a sociabilidade é o elemento fundamental. Nós nos referimos a reuniões sociáveis deste tipo como “prazer *gemeinschaften*” porque elas oferecem oportunidades para uma integração mais íntima entre as pessoas em um nível de emocionalidade manifesto e, em intenção cordial, que diferem acentuadamente de formas de integração que são consideradas como normais na vida profissional e outras partes da vida não relacionadas a lazer nas sociedades industriais.

Deixe-me fazer dois comentários sobre isto. Primeiramente, nem é preciso dizer que o conceito de *Gemeinschaften* não é usado aqui no sentido tradicional, que envolve um anseio romântico por um passado mítico perdido em comunidades supostamente livres de conflitos. Em segundo lugar, nós sugerimos que correr riscos com normas sociais – “brincar com as normas” como se “brinca com fogo” – tende a ser uma característica central do “lazer-*gemeinschaften*” (ELIAS; DUNNING, 1986, p.121). O tipo de coisas que nós tínhamos em mente era flertar em festas e atividades tais, principalmente masculinas, como contar piadas picantes, participar de disputas de beber e cantar “músicas sujas”, atividades que estão cada dia mais sendo incluídas nas estratégias de emancipação como, por exemplo, de mulheres jogadoras de rugby (WHEATLEY, 1994). É claro que, como em qualquer caso no qual corre-se riscos, nós reconhecemos que neste tipo de contexto algumas pessoas, às vezes, passam da conta e causam danos sociais, psicológicos e mesmo físicos a elas mesmas, aos outros e a seus relacionamentos.

Com o termo “motilidade” quisemos dizer movimento e estávamos nos referindo a atividades tais como dança e esportes. Tínhamos em mente o que Csikzentmihalyi (1975) conceitualizou como “atividades fluidas”, em particular aquelas nas quais a parte principal do prazer a curto prazo é fornecida pelo movimento em si. Isto, eu acho, está suficientemente claro. O conceito de elementos de prazer miméticos e suas funções provavelmente requerem uma discussão mais detalhada.

Nós usamos o termo “mimético” a fim de destacar a idéia de que um número de atividades de lazer que parecem diversas, na verdade compartilham características estruturais específicas. Estávamos pensando em atividades que costumam ser classificadas sob diferentes denominações como “esportes”, “diversão”, “cultura” e “artes”, nas quais a avaliação que “intelectuais” fazem de algumas atividades como sendo “altamente intelectuais”, algumas como “meio intelectuais” e outras como “pouco intelectuais”, tende a expressar uma incapacidade ou má vontade de perceber as características comuns entre elas. Mais particularmente, atividades em todas estas esferas parecem despertar emoções de um tipo específico que estão fisiologicamente relacionadas às emoções que as pessoas sentem no curso normal de suas vidas, em atividades outras que não de lazer, e em situações seriamente cruciais, mas que são socialmente e psicologicamente diferentes delas. No contexto das atividades e eventos miméticos – no cinema ou teatro, por exemplo, em um concerto, jogando ou assistindo um esporte ou jogo – as pessoas podem sentir e, em alguns casos, como teatro amador, fingir temor e riso, ansiedade e júbilo, simpatia e antipatia, e muitas outras emoções. Mas, em contextos miméticos, todos os sentimentos e atos carregados de emoção são transpostos. O nível de emoção despertada é mais elevado que em atividades rotinizadas diárias, mas, em contraste com o que acontece em situações críticas, as emoções perdem seu impacto. Parafraseando o comentário de Milton sobre Aristóteles, elas se amalgam “com um tipo de deleite” (ELIAS; DUNNING, 1986, p. 77). Mesmo medo, horror, ódio e outros sentimentos, geralmente longe de agradáveis, podem ser associados a situações miméticas com sentimentos de prazer. Penso em filmes de horror e de assassinatos. Nem todo mundo gosta deles, e eles podem ser uma fonte de pesadelos, talvez particularmente para crianças. Mesmo assim, para muitas pessoas, assistir “filmes de arrepiar” é uma experiência prazerosa que elas buscam ativamente. As experiências e comportamento de pessoas em contextos miméticos, portanto, parecem envolver uma transposição específica de experiências e comportamentos que são características das coisas da vida consideradas sérias, quer este termo seja usado em relação à guerra, política,

trabalho profissional, ou rotinas de tempo livre. O termo “mimético” tem a intenção de expressar este relacionamento especial entre aspectos não miméticos da vida e esta classe específica de atividades de lazer. Com ele nós não quisemos dizer “imitativa” num sentido direto. Esportes como *rugby*, futebol e *cricket*, por exemplo, embora possam ser tipos de jogos de guerra, não são literalmente formas de combate militar. Similarmente, peças e filmes freqüentemente se preocupam com situações sociais imaginárias ou podem lidar com situações sociais que não existem mais.

Foi a fim de capturar complexidades como estas que nós usamos o conceito de mimese, num sentido figurativo, mais parecido com os usos feitos por Aristóteles e Milton (ELIAS; DUNNING, 1986, p. 77). O termo refere-se ao fato de que, em contextos miméticos, as emoções adotam uma “coloração” diferente. Nestes contextos, as pessoas podem experimentar sentimentos fortes sem correr os riscos geralmente relacionados ao despertar emocional. Fora de contextos miméticos, o despertar “público” de excitação, especialmente excitação forte – e “público” é um termo chave neste contexto – e demonstrações de comportamento excitado são, em sociedades industriais relativamente civilizadas de hoje, geralmente cercadas por severos controles sociais, assim como por controles internalizados no nível da consciência individual. Em contextos miméticos, a excitação prazerosa pode ser mostrada com aprovação social e sem ofensa à consciência individual, desde que não passe de limites específicos. Pode-se indiretamente sentir ódio e desejo de matar, derrotar oponentes e humilhar inimigos, fazer amor com homens e mulheres desejáveis, ansiedades provocadas pela ameaça de derrota e triunfo de vitória. Em uma palavra, pode-se – até certo ponto – tolerar o despertar de sentimentos fortes de uma grande variedade de tipos em sociedades que por outro lado impõem às pessoas uma vida de rotinas relativamente iguais e sem emoções, as quais requerem um elevado grau de grande constância de controle emocional em todas as esferas da vida.

Deixe-me aprofundar o argumento. Defendemos a idéia de que os sentimentos despertados em atividades de lazer sociáveis e miméticas, particularmente a última, têm tensões entre opostos tais como entre medo e júbilo os quais, por assim dizer, se aproximam e se afastam uns dos outros. Conceitos tradicionais, no entanto, dificultam o entendimento do fato de que, em atividades de lazer, sentimentos aparentemente antagônicos como medo e prazer não são simplesmente opostos um ao outro como parecem, se encarados do ponto de vista *homo clausus*, mas partes inseparáveis dos processos de prazer no lazer. Naquele sentido, parece que apenas uma satisfação limitada pode ser

extraída de ocupações de lazer sem que a pessoa sinta pequenos momentos de medo alternados com esperanças agradáveis, breves palpitações de ansiedade alternadas com sentimentos antecipatórios de deleite, e em casos “ideais” como, por exemplo, em um contexto de esporte, quando o lado com o qual nos identificamos ganha, chegar, através de ondas deste tipo, a um clímax catártico no qual todos os medos e ansiedades são temporariamente resolvidos, deixando as pessoas, por um curto espaço de tempo, com aquele agradável gostinho de satisfação.

Assim, formas de despertar o emocional parecem exercer um papel central no lazer. Entretanto, mais que isto, estímulos emocionais parecem exercer uma função des-rotinizante. Rotinas envolvem um elevado grau de segurança. Giddens (1984, p.50) fala de “segurança ontológica” com relação a isto, ie. um senso profundamente arraigado de confiança no mundo que se extrai de rotinas previsíveis. No entanto, nós levantamos a hipótese de que se as pessoas não se expuserem a um grau de insegurança, a algum risco mais ou menos divertido como, por exemplo, o de o nosso time de futebol perder, de uma peça ou filme ser um fracasso, de escalar uma montanha, de ferir-se num jogo de rugby – elas podem acabar sofrendo de “fome emocional”, e ter um nível de estímulo emocional que, embora possam não analisar nestes termos, seria muito baixo. Atividades de lazer parecem oferecer a oportunidade de equilibrar o estímulo emocional. É claro que tais atividades podem perder sua função des-rotinizante. Elas podem tornar-se rotinizadas através da repetição ou uma medida severa demais de controle e, conseqüentemente, perder a capacidade de gerar excitação. Isto é, elas podem perder a função de fornecer um grau de insegurança, de satisfazer a expectativa das pessoas por algo inesperado, e o risco, a tensão e ansiedade que o acompanha. Estas ondas para cima e para baixo, mais curtas e mais longas de sentimentos, jocosamente antagônicas, parecem ser a principal fonte que pode ser oferecida pelo lazer para reanimar as emoções.

Deixe-me aprofundar ainda mais o argumento. A teoria preliminar de lazer que Elias e eu desenvolvemos brotou da teoria dos processos civilizatórios (ELIAS, 1939, 1994a). Defendemos a idéia de que, nas sociedades industriais mais avançadas, comparadas com sociedades que são ou eram “menos desenvolvidas”, situações seriamente críticas que geram uma tendência entre as pessoas para agir de uma forma muito excitada, como fomes, incêndios (GOUDSBLOM, 1994), enchentes, epidemias, e violência causada por pessoas poderosas ou por estranhos – a guerra forma uma exceção óbvia – foram levadas a um controle mais severo. Não controle “severo” mas “mais severo”: a

comparação é significativa. Ao mesmo tempo, a maioria das pessoas em tais sociedades passaram por um processo de socialização – um “processo civilizador” a nível individual – que restringe a disposição e a capacidade deles agirem de uma forma abertamente excitada, especialmente em público. Embora haja sinais de que a violência pode ter aumentado recentemente (DUNNING et al., 1987, 1992) o equilíbrio entre controle externo e auto-controle, mudou a favor de auto-controle com a consequência de que o comportamento da maioria das pessoas tende, comparado com sociedades do passado e atuais, que são “menos desenvolvidas”, a ser caracterizado por níveis mais elevados de controle completo. Como resultado, a vida social em geral tornou-se muito mais rotinizada, e as atividades de desrotinização baseadas no que sugerimos como hipótese, quais sejam, os três principais elementos de lazer – sociabilidade, motilidade e imaginação – quer individualmente ou de forma combinada, cresceram a fim de equilibrar a “mesmice emocional” engendrada pela rotinização, ao oferecer enclaves para um estímulo legítimo e expressão de graus de estímulo emocional que são mais altos que aqueles permitidos em rotinas diárias e, sob condições favoráveis – por exemplo, quando tragédias tais como o incêndio de Bradford em 1985 e o desastre de Hillsborough de 1989 são evitadas – mais baixos que aqueles que as pessoas experienciam em situações muito críticas. Embora à primeira vista possa parecer assim, o que estava sendo proposto não era um tipo básico de tese “pão e circo”, “o lazer como compensação”, mas um apelo por uma pesquisa mais relacionada à teoria dentro do que Merton (1957, p.51) chamou de “o balanço líquido das consequências funcionais e disfuncionais agregadas” das atividades e instituições de lazer, prestando atenção não apenas aos significados racionalmente construídos dos atores mas, acima de tudo, ao balanço variável, mutante, entre estes e as emoções que são despertadas.

No que é geralmente uma discussão construtiva da produção configuracional sobre lazer, Chris Rojek sugere que ele deixa de levar suficientemente em conta os argumentos de Freud em *Civilization and its discontents*. De acordo com Rojek:

... há um perigo de ser complacente demais a respeito do nosso apego a padrões “civilizados”. Freud (1939)... observou que a civilização está fundamentada na repressão da satisfação instintual. Ele defendeu que, psicologicamente falando, “o que chamamos de nossa civilização é grandemente responsável por nossa infelicidade” (1939, p. 23). Os trabalhos de Freud mantêm aberta a possibilidade de que o processo civilizatório aumenta a soma de infelicidades

humanas gerando dissabores emocionais e doença. Isto não é uma proposta que o trabalho de Elias necessariamente ignora, mas o máximo que se pode dizer dele é que está imensamente sub-desenvolvido (ROJEK, 1955, p.54).

Nenhum sociólogo configuracional iria querer negar que nosso trabalho é “imensamente sub-desenvolvido”. Uma vez Elias descreveu a obra de Marx como apenas “o sintoma de um começo” (ELIAS, 1994b, p.xxxii). Ele teria aceitado isto como uma descrição do seu próprio trabalho, também, com a possível ressalva de que o último estava “de certas formas” mais avançado porque, sendo posterior, conseguiu integrar em suas sínteses aspectos não apenas do trabalho de Marx mas também de autores tais como Weber, Durkheim, Simmel e Freud. Acima de tudo, Rojek confunde aqui o altamente envolvido conceito popular de “civilização” com o conceito mais imparcial de “processos civilizatórios” reversíveis quando ele parece acusar Elias e outros de “super-complacência”. A teoria de processos civilizatórios deveria ser julgada em termos de critérios testáveis, por exemplo, se os processos civilizatórios ocorrem e, se sim, se eles estão, como Elias sugeriu, relacionados a processos como formação do Estado e à expansão das correntes de interdependência. Alternativamente, a teoria deveria ser julgada sobre se pode ser sustentado por evidência e raciocínio o diagnóstico de Elias dos processos civilizatórios e de formação do Estado relativamente contínuos na Grã-Bretanha e França até tempos recentes, comparados com o desenvolvimento relativamente descontínuo e portanto, levando tudo em consideração, mais “descivilizante” e “barbarizante” da Alemanha (ELIAS, 1989, 1995; DUNNING; MENNEL, 1996). Critério moral tal como a alegada “super-complacência” não deveria entrar aqui.

Elias estava longe de ser “complacente” a respeito de “civilização” moderna. Ele levava a sério ameaças como aniquilamento nuclear e desastre ecológico, sugerindo que as pessoas no futuro podem muito bem vir a ver nossa época como uma extensão dos tempos medievais (ELIAS, 1991b, p.146-147). Mais especificamente, entretanto, Rojek aparentemente não conseguiu se dar conta de que, enquanto nós não procuraríamos negar as formas nas quais os “processos civilizatórios” aumentaram até agora de maneiras específicas “a soma de infelicidade humana gerando dissabores mentais e doença”⁸, nosso trabalho sobre esporte e lazer teve a intenção de oferecer uma outra visão

8 Elias discute estes assuntos com algum detalhe na Parte Dois de *Formação do estado e civilização*, sob o título, *Synopse*: por uma teoria dos processos civilizatórios, p. 443-524.

diferente do pessimismo de Freud. Mais particularmente, nós tentamos mostrar que, embora processos não intencionais de longo prazo exerçam um papel importante em sua construção, é possível para os humanos criar instituições que sejam genuínos fornecedores de prazer recorrente de curta duração. Tal prazer ajuda a explicar o envolvimento das pessoas em atividades tão diversas quanto esportes, artes e as várias formas de diversão popular.

A teoria configuracional preliminar de esporte e lazer não foi oferecida como algum tipo de construção “fixa e final” mas mais como uma contribuição com a esperança de sugerir uma ou duas formas de evitar ou superar as frequentes dificuldades no campo, tais como aquelas que delinee anteriormente. Repetindo, nossa hipótese foi que, na maioria das sociedades “civilizadas” do mundo contemporâneo, a rotinização da vida social procedeu a um grau tal que a vida, para muitas pessoas, tornou-se emocionalmente sem graça, e que algumas pessoas, por exemplo, mães solteiras que trabalham, e muitas pessoas, especialmente as mais pobres nos grupos etários mais velhos, onde a aposentadoria leva a graus de desligamento e retiro social, sofrem de “fome de lazer”. Também oferecemos a hipótese de que, como parte do mesmo desenvolvimento civilizatório total e balanceado, um desenvolvimento complementar ocorreu no campo do lazer: o desenvolvimento de atividades e instituições emocionalmente estimulantes e excitantes nas esferas miméticas e de sociabilidade. É importante, no entanto, compreender – e esta é uma outra razão pela qual a teoria não é uma simples tese sobre “lazer como compensação” – que estas atividades foram submetidas às mesmas formas de controles e pressões civilizatórias como as outras esferas da vida moderna. Foi por isso que falamos do “descontrole *controlado* dos controles emocionais” (ELIAS; DUNNING, 1986, p.44, 49). Em uma palavra, naquilo que poderíamos chamar de o “curso” normal dos acontecimentos em sociedades mais “civilizadas”, atividades miméticas podem agir, para pessoas afortunadas o bastante para poderem utilizar-se das oportunidades apresentadas, como reações contra a rotinização e mesmice emocional de uma vida sem lazer, oferecendo uma excitação emocional limitada, controlada e, nesse sentido, “civilizada”. Pense nos padrões pelos quais o comportamento de audiências modernas de teatro e concerto é controlado comparado com os padrões em operação no século dezoito. Ou pense como eram violentos e agressivos os antecedentes do futebol e *rugby* modernos comparados com suas formas contemporâneas. Uma indicação disto é fornecida por um relato de jornal de 1898 que Patrick Murphy achou durante os estágios iniciais de sua pesquisa sobre *hooliganismo* no futebol. O relato em questão diz:

Herbert Carter morreu em Carlisle de ferimentos recebidos enquanto jogava futebol na semana passada, quando foi acidentalmente chutado no abdomen. Dois outros jogadores de futebol também morreram no sábado de ferimentos recebidos durante o jogo, como o Elm de Sheffield, e Parks de Woosley. Estes, juntamente com o caso de Partington, que morreu na última quarta-feira, fazem um total de quatro mortes durante a última semana (*Leicester Daily Mercury*, 15 de Novembro de 1898).

Poderia, é claro, ter sido simplesmente um conjunto de circunstâncias, ao acaso, que levaram às mortes de quatro jogadores de futebol em uma única semana, em 1898. Entretanto, os números referentes a *rugby* em Yorkshire nos anos de 1890, encontrados por Ken Sheard quando estava pesquisando o desenvolvimento desse esporte (Tabela 1), indicam, com alto grau de probabilidade, um jogo e uma sociedade que eram consideravelmente mais violentos que a Grã-Bretanha e sociedades comparáveis e seus esportes são hoje – apesar da difundida preocupação com assuntos tais como *hooliganismo* no futebol. *Rugby*, é claro, continua, falando em geral, mais bruto que futebol mas, se estes números puderem ser considerados ao menos razoavelmente exatos, eles realmente revelam índices de ferimentos e mortes que eram consideravelmente mais elevados do que seria tolerado em um jogo em qualquer sociedade dos dias atuais cujos membros se considerassem “civilizados”:

Tabela 1 - Mortes e Ferimentos no Rugby em Yorkshire, 1890/91 – 1892/93

| | Mortes | Pernas Quebradas etc | Braços | Clavícula | Outros Ferimentos |
|---------|--------|----------------------|--------|-----------|-------------------|
| 1890/91 | 23 | 30 | 9 | 11 | 27 |
| 1891/92 | 22 | 52 | 12 | 18 | 56 |
| 1892/93 | 26 | 39 | 12 | 25 | 75 |

Fonte: Wakefield Express, 8 April, 1893. Citado em Eric Dunning e Kenneth Sheard. *Barbarians, gentlemen and players: a sociological study of the development of rugby football*. Oxford: Martin Robertson, 1979.

Estes exemplos parecem sustentar a argumentação de que o grau de civilização das ocupações de lazer variam de acordo com os níveis de civilização das sociedades. Isto é, as buscas por lazer desempenham uma função desrotinizante em todas as sociedades por intermédio do des-controle dos controles emocionais mas, em sociedades que acabam ficando mais civilizadas

e rotinizadas, este des-controle em si fica mais controlado.⁹ De fato, o equilíbrio tem que se dar entre regras e normas que levam a comportamento de des-controle e aqueles relacionados a controles emocionais. Se os controles tornarem-se rígidos demais, os eventos de lazer podem ficar rotinizados demais e entediantes. Se eles ficarem frouxos demais, podem levar a comportamentos que transcendem as fronteiras do que é considerado como civilizado. Quando um esporte ou outra atividade de lazer fica violento demais ou é visto como tal, é provável que o Estado e grupos poderosos intervenham. Quando percebe-se que estão freqüentemente causando tédio, a intervenção será por parte das autoridades responsáveis ou aquelas com um interesse econômico em vê-las consideradas valiosas e excitantes. Um exemplo disto é fornecido pela mudança na lei de impedimento no futebol em 1925 (ELIAS; DUNNING, 1986, p. 199).

Nós também não argumentamos que todo evento de lazer em sociedades mais civilizadas consegue o tempo todo exercer uma função desrotinizante. Pelo contrário, alguns fracassam, enquanto em outros casos a excitação das pessoas sobe a níveis que levam-nos a violar os cânones aceitos do que constitui comportamento civilizado. Em uma palavra, um grau de incerteza tem que ser construído na estrutura de um evento de lazer por meio de regras escritas e convenções informais a fim de possibilitar que ele desempenhe sua função desrotinizante, isto é, para possibilitar que ele periodicamente gere um nível de estímulo emocional que, de acordo com os padrões prevalecentes, não seja nem alto nem baixo demais. Mas, talvez especialmente em sociedades altamente individualizadas e competitivas do mundo industrializado de hoje, as pessoas constantemente corram riscos com estas regras e convenções, tentando evitá-las, a fim de ganhar vantagem competitiva: no mundo do esporte, para ganhar um campeonato ou partida, estabelecendo nas artes uma nova “escola”. A dinâmica dos eventos de lazer assim envolvem a perpétua tomada de risco e a batalha para controlá-lo, assim como uma tendência para tais eventos oscilarem entre níveis de tensão-excitação que são ou altos demais ou baixos demais em termos de padrões prevalecentes com conseqüentes esforços para restaurar seu “vigor” a um nível ótimo.

9 Formas e níveis diferentes de rotinização estão, é claro, envolvidos na vida de sociedades “avançadas” e relativamente “civilizadas” do Oeste moderno comparadas à rotinização mais opressiva envolvida na batalha diária dos, por exemplo, moradores urbanos pobres na África do Sul e países da América Central e do Sul. A comparação de formas diferentes de, por exemplo, apoio ao futebol nestes contextos formaria um tópico interessante para pesquisa.

Nós também sugerimos que:

Pessoas individuais, também, podem viver com uma tensão embutida maior ou menor que a normal, mas elas só ficam sem tensão quando morrem. Em sociedades (...) que requerem uma disciplina emocional e circunspeção total, a oportunidade para sentimentos fortes e agradáveis expressos abertamente fica bastante restrita. Para muitas pessoas, não é apenas sua vida profissional, mas também privada que um dia é igual a outro. Para muitos, (...) nada de novo, nada excitante nunca acontece. A tensão deles, seu tono, sua vitalidade (...) fica assim diminuída. De forma simples ou complexa, em nível alto ou baixo, atividades de lazer fornecem, por um tempo curto, o surgimento de fortes sentimentos de prazer que muitas vezes faltam nas rotinas normais da vida. Sua função não é, como freqüentemente se acredita, uma liberação das tensões mas a restauração daquela quantidade de tensão que é ingrediente essencial da saúde mental. O caráter essencial do seu efeito catártico é a restauração do “tono” mental normal através de um surgimento temporário e breve de agradável excitação (ELIAS; DUNNING, 1986, p.89)

Assim, *pace* Rojek e *pace* Freud, “contentamentos” específicos e não apenas “descontentamentos” parecem ter se desenvolvido na civilização moderna. Entretanto, fomos criticados nesta conexão por confiar no conceito Aristotélico de catarse. Guttman, por exemplo, escreveu que:

A leitura repetida de *The Quest for Excitement in Unexciting Societies* deixa-me menos que totalmente convencido. Eu continuo a ter dúvidas sobre seu uso do conceito de catarse da forma como se relaciona a esportes. Afinal de contas, o mais “dramático” “jogo de bola é muito diferente da experiência que Aristóteles analisa em Poética. Os psicólogos sociais desenvolveram muitas pesquisas devotadas a testar a teoria de catarse relacionada a esportes, e toda a pesquisa parece indicar que os espetáculos de esporte aumentam em vez de diminuir a propensão a cometer atos de violência (...) Elias e Dunning não fizeram as pazes com a pesquisa empírica neste campo nem resolveram as inconsistências de seu trabalho. Também há dados empíricos que levantam questões sobre a teoria de que a busca por excitação em esportes é uma forma de escapar da rotinização da vida moderna. Se este for o caso, e isto certamente parece plausível, então como podemos explicar o bem-establishado fato de que é provável que os membros favorecidos e não os

desfavorecidos da sociedade pratiquem e assistam esportes? Em outras palavras, é mais provável que aqueles cujas vidas são menos rotinizadas – isto é, profissionais liberais – procurem excitação em esportes do que aqueles cujas vidas são mais rotinizadas: trabalhadores de fábricas e clérigos. Talvez a resposta esteja nos tipos de esportes que são populares entre diferentes grupos de pessoas (GUTTMANN, 1992, p. 157).

Estas são críticas que merecem uma resposta. A primeira coisa que vale a pena notar é que Guttman aparentemente não consegue compreender que a hipótese de que esporte e “as artes” têm propriedades estruturais comuns não implica uma afirmação de que são idênticas. Na verdade, esportes, artes e diferentes formas de lazer geram diferentes níveis de tensão, além de gerá-los diferentemente. Mas, apesar de suas diferenças, eles parecem compartilhar estruturas que são ajustadas para desempenhar a função mimética de despertar as emoções. O caso é que este equilíbrio de similaridades e diferenças precisa ser investigado empiricamente. Entretanto, a pesquisa na sociologia de esporte e lazer até hoje tendeu a tomar as propriedades estruturais de esporte e das formas de lazer como coisa certa, deixando de examinar as minúcias de como elas estão estruturadas e de como elas funcionam.

Também *pace* Guttman, ficamos conhecendo a pesquisa sobre catarse em esporte e o fato de que indica que esportes tendem a aumentar em vez de reduzir a propensão para agressão. Entretanto, se entendemos corretamente, tal pesquisa está baseada num conceito de catarse que é diferente do de Aristóteles e do nosso. Mais particularmente, está baseado no que parece ser uma hipótese simples demais de frustração-agressão e busca testar a idéia de que esportes, especialmente esportes de contato e combate, representam um contexto no qual as pessoas podem, indiretamente, descarregar a agressividade formada pela frustração gerada em suas vidas diárias. Em contraste, nossa hipótese defende que esportes estão relacionados com a criação e não com o alívio ou descarregamento de tensões. Além disto, como sociólogos configuracionais, nós enfocamos esportes como eventos “totais” que só podem ser entendidos em relação ao seu contexto social “total” e os freqüentemente diferentes significados ligados a eles por grupos com diferentes interesses e valores. Também enfatizamos que as sociedades modernas permanecem predominantemente patriarcais, que esporte moderno começou como um território masculino e que muitos esportes continuam a agir como veículos para a expressão e reprodução da agressividade masculina (DUNNING; SHEARD, 1973); DUNNING, 1986; DUNNING; MAGUIRE, 1995). Como meus colegas de Leicester, eu também

tenhei mostrar, em contextos como o *hooliganismo* no futebol, que agressão e violência podem ser experienciadas como sentimentos prazerosos e excitantes (DUNNING et al., 1988).

Além do mais, Guttman parece ter entendido nosso conceito de rotinização pelo senso popular, no qual equipara-se ao desempenho de tarefas simples e repetitivas que tendem a ser experienciadas como entediantes. Entretanto, enquanto isto ocorre em parte, nossa definição é mais ampla e mais sociológica. Nós definimos “rotinas” como “canais recorrentes de ação impostos pela interdependência com outros, que impõem ao indivíduo um grau bem alto de regularidade, constância e controle emocional na conduta e bloqueiam outros canais de ação, mesmo se eles corresponderem mais ao humor, sentimentos ou necessidades emocionais do momento” (ELIAS; DUNNING, 1986, p. 98). Em uma palavra, nossa definição ressalta o caráter forçado das rotinas, o fato de que elas são, num balanço, dirigidas aos outros, e que elas envolvem não apenas regularidade mas pressão social direcionada ao controle emocional. Tal definição é totalmente compatível com a observação de Guttman – que eu penso, aplica-se mais para América do Norte que Grã-Bretanha – de que esportes tendem a ser praticados mais pelas classes médias que operárias. Isto é, enquanto os trabalhadores manuais e os que têm rotinas não-manuais podem ter ocupações que sejam altamente rotinizadas no sentido em que envolvem tarefas simples e repetitivas, as pessoas que trabalham como profissionais liberais e em cargos de gerência tendem a sofrer uma pressão psicológica e social maior para terem auto-controle.

Guttman tem razão quando critica nossa negligência do “importantíssimo papel do processo de identificação psicológica, que transforma atletas em representantes simbólicos de grupos sociais” (GUTTMANN, 1992, p. 158). Isto é verdadeiro a respeito de nosso trabalho conjunto, mas menos verdade do trabalho que eu desenvolvi com meus colegas de Leicester, no qual nós sugerimos que, entre espectadores de esportes, a identificação com um time ou esportista individual é uma pré-condição para “desencadear” totalmente as nossas paixões (MURPHY et al., 1990, p.3). Maguire (1992) refere-se convincentemente a uma “busca de significado excitante” a respeito disto e, num ensaio anterior, eu usei a questão das identificações de times para lançar dúvidas sobre o conceito convencional de catarse, mostrando que é muito provável que fãs de esportes passionavelmente envolvidos fiquem profundamente frustrados se o time para o qual eles torcem perder, e podem muito bem descontar nos outros de forma agressiva através de violência verbal ou física (DUNNING, 1972).

Pode-se ainda criticar, eu acho, um aspecto do que Elias escreveu sobre lazer. Mais particularmente, na sua Introdução de *Quest for Excitement*,

Elias fez um número de referências a “tensões estressantes”. Ele escreveu, por exemplo, que:

A maioria das sociedades humanas (...) desenvolve alguma forma defensiva contra as tensões provocadas pelo *stress* que elas geram. No caso de sociedades que estejam em um nível de civilização relativamente moderno, isto é, com controles relativamente estáveis, equilibrados e moderados e com fortes necessidades sublimatórias, pode-se geralmente observar uma considerável variedade de atividades de lazer com aquela função, da qual esporte é uma delas. (ELIAS; DUNNING, 1986, p. 41).

Elias estava discutindo aqui alguns dos “problemas não resolvidos da civilização”, os quais ele tinha levantado ao final do volume dois do *Processo civilizador*. Eram os tipos de problemas levantados por Freud em *Civilization and its discontents* (1939) e o qual Marcuse discutiu a partir de um ponto de vista marxista através de conceitos tais como “repressão excedente” em *Eros and civilization* (1955). Entretanto, Elias foi mais mente aberta em sua abordagem do que aqueles eruditos, especialmente Marcuse, nunca fingindo que nós tínhamos conhecimento suficiente no momento para resolver problemas deste tipo. Eles são problemas sérios, para os quais são necessárias soluções práticas urgentemente, e só serão resolvíveis com mais pesquisa orientada por teorias. Para os propósitos atuais, entretanto, parece mais pertinente observar que, introduzindo o assunto sério de “tensões provocadas por *stress*” em nossa teoria preliminar, Elias estava abandonando nossa construção original. Aquela estava preocupada, não com o relacionamento entre lazer e tensões provocadas por *stress*, mas com a necessidade de despertar tensões controladas que são sentidas como agradáveis em sociedades altamente rotinizadas e, como nós dissemos em primeiro lugar, naquele sentido “não excitantes”. “Tensões de *stress*” são um assunto diferente e, ao menos em suas formas mais sérias, – não se está lidando aqui com uma simples dicotomia mas com um complexo continuum – são talvez mais bem tratadas por meio de atividades calmantes tais como tecer cestos, jardinagem e talvez ouvir música suave, e não através de atividades altamente competitivas e intensamente estimulantes, tais como esportes.

Deixe-me voltar aos argumentos de Rojek. Naquilo que é geralmente uma discussão equilibrada sobre as contribuições configuracionais para o estudo de esporte e lazer, ele sugere que:

... quando pressionados, sociólogos configuracionais insistem que seu trabalho é mais “objetivamente adequado” do que as teorias rivais. Com o termo “objetivamente adequado” quer-se dizer que as propostas da sociologia configuracional correspondem mais aproximadamente aos fatos observáveis de esporte e lazer do que teorias concorrentes. Agora, poucas palavras na língua inglesa carregam o mesmo peso que “objetividade”. Ao insistir em “adequação de objeto” superior, os sociólogos configuracionais inferem que as formas de sociologia que estão preocupadas com impressões e experiência são menos valiosas... O que se quer enfatizar aqui é que, ao reivindicar ser objetivamente adequados os sociólogos configuracionais deixam de ser suficientemente reflexivos a respeito de seus próprios métodos (ROJEK, 1995, p. 54-550).

Os sociólogos configuracionais não reivindicam tal coisa. Nem termos tais como “objetividade” e “objetivamente adequado” aparecem em nosso vocabulário. Nós vemos a coleta de conhecimentos como um processo conflituoso, evitamos o que se pode chamar de uma solução político/ideológica ou filosófica “rápida”, e salientamos em vez disto a necessidade de dar continuidade à nossa pesquisa orientada por teoria e nos afastamos do que parece ter-se tornado uma tendência generalizada em sociologia nos anos recentes de viver parasiticamente do trabalho dos outros, especialmente dos mais recentes filósofos que passaram a ser considerados “na moda”, enquanto evita-se pesquisa primária. Nossa preocupação é, via pesquisa, desenvolver representações mais “adequadas ao objeto” e mais “congruentes com a realidade”, isto é, representações que sejam mais “adequadas” com relação a seus “objetos” empiricamente observáveis, do que representações existentes ou mais “congruentes” com algum aspecto ou aspectos de “realidade”. Mais uma vez a comparação é significativa: nós não equiparamos maior adequação de “objeto” ou “congruência com realidade” com “verdade”. Nós tentamos alcançar este objetivo procurando, em nossa pesquisa, ser tão “imparciais” quanto possível. Entretanto, enquanto nosso *objetivo* nesta conexão é, por meio de uma “desviada via imparcialidade” (ELIAS, 1987), contribuir com mais conhecimento “congruente com a realidade”, nós não reivindicamos nem insistimos que produzimos tal conhecimento. Em vez disso, nós submetemos nosso trabalho à apreciação sociológica, na esperança de que outros não só debatam mas também testem-no por intermédio de mais pesquisa. Este é o espírito no qual os argumentos neste ensaio são oferecidos. Se outros os abordarem com um certo grau de imparcialidade, testá-los através de pesquisa e achá-los deficientes, esses argumentos devem ser enterrados.

Conclusão

Neste ensaio, eu sugeri que uma abordagem configuracional ao estudo de lazer tem certas vantagens relativamente a abordagens mais “convencionais” as quais, quaisquer que sejam as contribuições que fazem de outras formas, parecem estar viciadas por um compromisso irrefletido ao que Elias (1978) chamou de suposições *homo clausus*. Entre estas vantagens estão uma abordagem configuracional-sociológica: (i) presta a devida atenção ao papel central exercido pelas emoções, Identidades ou Identificações em lazer; (ii) procura desenvolver conceitos, hipóteses e teorias por meio de constante fertilização cruzada com indagações empíricas – um processo no qual o empírico e o teórico são ambos necessários e os quais não deveriam ser permitidos sobrepor-se um ao outro; (iii) tenta evitar as super simplificações e distorções do mundo do lazer excessivamente diverso e complexo que podem resultar de um apego irrefletido a dualismos convencionais tais como aqueles entre “trabalho” e “lazer”, “corpo” e “mente” etc.

Eu também sugeri que uma teoria básica do lazer que foque no comportamento e instituições de lazer como fatos sociais em si, traçando suas conexões, mas não reduzindo-as a outras áreas da vida social, podem iluminar as múltiplas formas nas quais, por exemplo, agências da indústria e do Estado, juntas com classe, identidade “racial”/étnica, de gênero e outras – afetando (distorcendo) desigualdades, impactam o contorno da esfera de lazer. Tal teoria pode mesmo ser *sine qua non* nesta conexão, por exemplo, ajudando a explicar como e porque as pessoas que estão longe de serem “alienados culturais” exercem um papel na perpetuação de instituições como, por exemplo, futebol profissional ou a indústria de música popular, através das quais elas são exploradas. Em uma palavra, embora eu não tenha procurado elaborar uma reflexão sobre tais questões aqui, a abordagem configuracional está totalmente afinada ao papel exercido pelas tentativas de manipulação e controle – as quais, é claro, são algumas vezes mais e algumas vezes menos bem sucedidas, e freqüentemente resultam na produção de conseqüências não intencionadas – no lazer, como em qualquer campo social. Isto é, a abordagem configuracional considera axiomático que poder é “uma característica estrutural (...) de todas as relações humanas” (ELIAS, 1978a, p. 74). Eu apenas acrescentaria que os avanços no entendimento são menos prováveis de ocorrer via uma teorização *a priori* sobre, por exemplo, os efeitos da propaganda nas preferências de lazer do que de pesquisas orientadas por teoria. Se eu estiver certo, é menos provável obter avanços

através de leitura e debates mecânicos de conclusões derivadas de, digamos, Marx, Gramsci, Foucault, Baudrillard, e sim, Elias, do que do exame de hipóteses construídas a partir do trabalho destes e de outros autores. Será mais provável também obter avanços se nós conseguirmos mudar o balanço no campo em ao menos duas formas: primeiramente, entre debate e pesquisa (voltada para teoria) mais a favor da última; e, em segundo lugar, mais em favor de debates sobre pesquisa e teorias sociológicas que sejam sistematicamente focadas no mundo empiricamente observável, em oposição aos debates arcanos sobre como interpretar os mais recentes comentários de filósofos não guiados por pesquisa cujo trabalho acontece de, no momento, estar na moda (MOUZELIS, 1991).

É por razões tais como estas que eu tenho criticado trabalhos que me parecem abraçar, sem reflexões, o que eu considero uma tendência racionalista e que trata como real “discursos” e “olhares”, ao escrever sobre eles como se pudessem ser atores. Ao dizer isto, eu não desejo negar totalmente o valor do que os sociólogos influenciados filosoficamente escrevem mas, na verdade, sugerir que idéias filosóficas geralmente precisam ser remodeladas e, acima de tudo, purgadas de elementos *homo clausus* antes de poderem tornar-se não ambíguas, mas úteis em um contexto de pesquisa orientada por teoria, e teoria voltada para a pesquisa.

Também central entre meus argumentos tem sido a defesa de que a teoria de Elias do processo civilizador pode atuar como o que Elias teria chamado de uma “teoria central”, isto é, ser usada como uma teoria orientadora, coordenante, sintetizante e formadora de hipótese na sociologia do lazer e em outros lugares. Entretanto, uma pré-condição para testar aquela teoria, e a teoria preliminar de lazer que nós desenvolvemos em conexão com ela, é que a idéia de um “processo civilizador” não deve ser rejeitada “impulsivamente”, como por exemplo do Holocausto ou outros exemplos do barbarismo do século vinte (LEACH, 1986; CURTIS, 1986; HOBBS E ROBINS, 1991). Elias é judeu alemão de nascimento, fugiu da Alemanha, em 1933, e sua mãe foi morta em Auschwitz. Assim, ele conheceu o Holocausto em termos profundamente pessoais e suas experiências a este respeito o influenciaram profundamente no desenvolvimento da teoria dos processos civilizadores (DUNNING; MENNELL, inédito).

Referências

- ALBONICO R.; PFISTER-BINZ, K. *Sociology of Sport: Theoretical Foundations and Research Methods*, Basle, Magglinger Symposium, 1972.
- CLARKE J.; CRICHER C. *The Devil Makes Work: leisure in Capitalist Britain*. London: Macmillan, 1985.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. *Beyond Boredom and Anxiety: the Experience of Play in Work*. San Francisco: Jossey-Bass, 1975.
- CURTIS, J. Isn't It Difficult to Support Some Notions of The Civilizing Process. In: REES, C.R.; MIRACLE, A.W. (Eds.) *Sport and Social Theory*. Champaign, Illinois, Human Kinetics, 1986. p. 51-65.
- DEEM, R. *All Work and No Play*. Milton Keynes, Open University Press, 1986.
- DUNNING, E.; SHEARD, K. *Barbarians, Gentlemen and Players: a Sociological Study of the Development of Rugby Football*. Oxford: Martin Robertson, 1979.
- DUNNING, E.; MURPHY P.; WILLIAMS, J. *The Roots of Football Hooliganism*. London: Routledge, 1988.
- DUNNING, E.; ROJEK C. (Eds.) *Sport and Leisure in the Civilizing Process: Critique and Counter-Critique*. London: Macmillan, 1992.
- DUNNING, E., Sport as a Male Preserve: Notes on the Social Sources of Masculine Identity and its Transformations. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process*, 1986. p. 267-283.
- DUNNING, E; MAGUIRE, J. Rôle des Processus Sociaux dans le Sport, les Relations entre les Sexes et le Contrôle de la Violence, *Sociologie et Sociétés*, v. 27, n. 1, Spring, 1995.
- DUNNING, E.; MENNELL, S. On the Balance Between Civilizing and De-civilizing Trends in the Social Development of Western Europe: Elias on Germany, Nazism and the Holocaust. *British Journal of Sociology*. v. 49, n. 3, p.339-357, 1998. See also our preface to *The Germans*, Polity, 1996.
- DUNNING, E. et al. Violent Disorders in Twentieth Century Britain. In: GASKELL, G.; BENEWICK, R. *The Crowd in Contemporary Britain*. London: Sage, 1987.
- DUNNING, E.; MURPHY P.; WADDINGTON, I. Violence in the British Civilizing Process, *Discussion Papers in Sociology*. University of Leicester, Faculty of Social Sciences, 1992.

ELIAS, N. *Über den Prozess der Zivilisation*. Berne, Haus zum Falken, 1939. (2 vols.)

_____. *What is Sociology?* London: Hutchinson, 1978a.

_____. *The Civilizing Process: the History of Manners*. Oxford: Blackwell, 1978b.

_____. *State-Formation and Civilization*. Oxford: Blackwell, 1982.

_____. *Involvement and Detachment*. Oxford: Blackwell, 1987.

_____. *Studien über die Deutschen*. Frankfurt: Suhrkamp, 1989.

_____. *The Society of Individuals*. Oxford: Blackwell, 1991a.

_____. *The Symbol Theory*. London: Sage, 1991b.

_____. *The Civilizing Process: the History of Manners and State-Formation and Civilization*. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *The Germans: Studies of Power Struggles and the Development of Habitus in the Nineteenth and Twentieth centuries*. Oxford: Polity (translated with a preface by Eric Dunning and Stephen Menell), 1995.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process*. Oxford: Blackwell, 1986.

_____. The Quest for Excitement in Leisure. *Society and Leisure*, n. 2, December, 1969.

_____. The Quest for Excitement in Unexciting Societies. In: LÜSCHEN, G. (Ed.). *The Cross-Cultural Analysis of Sport and Games*. Champaign, Illinois, Sipes, 1970.

_____. Leisure in the Sparetime Spectrum In: ALBONICO, R.; PFISTER-BINZ, K., *Sociology of Sport: Theoretical Foundations and Research Methods*. Basle, Magglinger Symposium, 1972.

ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. *The Established and the Outsiders*. London: Sage, 1994.

FOUCAULT, M. *The Birth of the Clinic*. London: Tavistock, 1976.

FREUD, S. *Civilization and its Discontents*. Harmondsworth: Penguin, 1939.

GIDDENS, A. *The Constitution of Society*. Cambridge: Polity, 1984.

GIDDENS, A. *The Nation-State and Violence*. Cambridge: Polity, 1985.

GLANVILLE, B. *The History of the World Cup*. London: Faber and Faber, 1980.

GOUDSBLOM, J. *Fire and Civilization*. London: Penguin, 1994.

GUTTMANN, A. Chariot Races, Tournaments and the Civilizing Process. In: DUNNING, E.; ROJEK, C. (Eds.). *Sport and Leisure in the Civilizing Process: Critique and Counter-Critique*. London: Macmillan, 1992. p. 137-160.

HARGREAVES, J. *Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sports*, 1994.

HOBBS, D.; ROBINS, D. The Boy Done Good: Football Violence, Changes and Continuities. *Sociological Review*, v. 39, n. 3, p. 557, 1991.

JAMESON, F. *Postmodernism, or the Cultural Logic of Late Capitalism*. London: Verso, 1991.

LEACH, E. Violence. *London Review of Books*, v. 8, n. 18, 1986.

LENSKYJ, H. Measured Time: Women, Sport and Leisure. *Leisure Studies*, n. 7, p.233-240, 1988.

LÜSCHEN, G., (Ed.). *The Cross-Cultural Analysis of Sport and Games*, Champaign, III, Sipes, 1970.

MAGUIRE, J. Towards a Sociological Theory of Sport and the Emotions. In: DUNNING, E.; ROJEK, C. (Eds.). *Sport and Leisure in the Civilizing Process: Critique and Counter-Critique*. London: Macmillan, 1992. p. 96-120.

MARCUSE, H. *Eros and Civilization*. New York: Vintage, 1955.

MOORHOUSE H. Models of Work, Models of Leisure In: ROJEK, C. (Ed.). *Leisure for Leisure: Critical Essays*. London: Macmillan, 1989. p.15-35.

MOUZELIS, N. *Back to Sociological Theory: the Construction of Social Orders*. London: Macmillan, 1991.

MURPHY, P.; WILLIAMS, J.; DUNNING, E. *Football on Trial*. London: Routledge, 1990.

PARKER, S. *The Sociology of Leisure*. London: Allen and Unwin, 1976.

RATTANSI, A. Forget Postmodernism? Notes from De Bunker. *Sociology*, v. 29, n. 2, p 339-349, May 1995.

ROJEK, C. *Capitalism and Leisure Theory*. London: Tavistock, 1985.

_____. *Leisure for Leisure: Critical Essays*. London: Macmillan, 1989.

_____. *Decentering Leisure: Rethinking Leisure Theory*. London: Sage, 1995.

URRY, J. *The Tourist Gaze: Leisure and Travel in Contemporary Societies*. London: Sage, 1990a.

URRY, J. Time and Space in Giddens. Social Theory. In: BRYANT, C.; JARY, D. (Eds.). *Giddens Theory of Structuration*. London: Routledge, 1990b.

WHEATLEY, E. E. Subcultural Subversions: Comparing Discourses on Sexuality in Men's and Women's Rugby Songs. In: BIRRELL, S.; COLE, C.L. *Women, Sport, and Culture*. Champaign, Illinois, Human Kinetics,. 1994.